Atletas Africanos Brilham na Liga Nacional de Futebol Americano

Jogadores africanos são modelos dentro e fora do campo de futebol

Visanthe Shiancoe *tight end* de Minnesota Vikings

Por Gabrielle M.M. Brock
Redactora

Washington – Nos meses que se seguem até à Copa do Mundo 2010, a primeira a ser realizada em África, todos os olhos estarão postos em equipas de futebol de todas as partes do mundo. "Soccer" (como é chamado nos Estados Unidos) é conhecido e muito apreciado em todo o mundo onde é designado por futebol.

Mas "futebol" nos Estados Unidos significa futebol americano e, apesar de ser o desporto mais popular nos Estados Unidos, não tem muitos adeptos fora do país. Embora a paixão pelo futebol americano continue a estar exclusivamente enraizada na América do Norte, os jogadores têm cada vez mais origens diversas e cada vez mais são africanos. O número de atletas americanos de primeira e segunda geração de África multiplicou-se nas últimas décadas.

Os atletas africanos já estabeleceram uma presença sólida na Liga de Futebol Nacional dos EUA (NFL). Na verdade, um atleta excepcional da Universidade de Nebraska, cuja mãe é da Jamaica e cujo pai é dos Camarões – Ndamukong Suh – é uma grande esperança profissional nos Estados Unidos.

Um dos primeiros jogadores a nascer na América e a sobressair na NFL foi Christian Okoye de Enugu, Nigéria, jogador do Kansas City de 1987 a 1992. Alcunhado de "pesadelo nigeriano" Okoye ainda é muito popular e é recordado pela sua velocidade surpreendente e habilidade em se libertar dos atacantes.

Mas para muitos jovens americanos fãs do futebol, ele representava algo mais: um primeiro encontro com um atleta africano, uma primeira ligação a África. "Okoye foi a razão pela qual eu procurei pela primeira vez a Nigéria num mapa", diz Drew King, um gerente dum bar desportivo em Washington e fã de futebol.

Cerca de 20 anos mais tarde, a NFL conta com dúzias de atletas que são imigrantes recentes de África. Quase todas as equipas têm um desses jogadores e tanto o Chicago Bears como o St. Louis Rams têm quatro respectivamente. As tendências imigratórias têm algo a ver com isto: imigraram mais africanos da África Subsariana para os Estados Unidos nas últimas décadas do que em qualquer outra altura da história. O censo de

2000 nos EUA revelou que a entrada de nigerianos, etíopes e ganenses (os três maiores grupos de africanos imigrantes nos Estados Unidos) aumentou em 370%, 220% e 235% respectivamente, em 10 anos.

Apesar destes aumentos, a comunidade de afro-americanos oriundos da África Subsariana continua pequena, representando apenas 3.7% da população dos EUA, superior apenas à dos imigrantes da Oceânia. Mas é a presença na NFL de atletas de origem africana e polinésia que aumentou consideravelmente nos últimos anos.

O futebol exige velocidade, força e tamanho. Os jogadores de futebol africanos possuem estas características e algo mais: a motivação e a disciplina para terem êxito dentro e fora do campo. Estes atletas foram moldados pelos desafios que enfrentaram como imigrantes e pela vontade de ter sucesso incutida pelos seus pais, que vieram para os Estados Unidos a fim de lhes proporcionar uma vida melhor.

SUCESSO NA SALA DE AULA, MÁQUINAS EM CAMPO

Quase todos os jogadores de futebol profissional americanos ingressam na NFL depois de frequentarem a universidade e jogarem futebol na universidade, que tem regras ligeiramente diferentes da versão profissional. Embora as escolas americanas ofereçam tanto bolsas desportivas como académicas, a maioria dos alunos obtém apenas uma e a disputa para conseguir qualquer delas é intensa. Mas muitos destes atletas afro-americanos na NFL conseguiram ambas.

Por exemplo, para vários atletas americanos de origem nigeriana que jogam actualmente no Houston Texas, conseguir excelência académica é tão importante como demonstrar força física em campo.

Xavier Adibi, *linebacke*r do Texans de 25 anos, é filho dum imigrante que veio para Universidade Estadual de Oklahoma jogar futebol e acabou por se doutorar em bioquímica. Juntamente com o seu irmão Nathaniel, Xavier frequentou o Instituto Politécnico da Virgínia depois de terminar o liceu como campeão do estado da Virgínia. Ao longo da sua carreira no liceu, na universidade e profissional, Adibi foi elogiado por ser tão esperto como rápido.

Ndamukong Suh, um americano de origem camaronesa, é considerado, em geral, uma das melhores esperanças profissionais nos Estados Unidos.

Frank Okam, *defensive tackle*, licenciou-se em gestão desportiva na Universidade do Texas em três anos e meio. Apesar das aulas, Okam foi cinco vezes membro de Athletic Director's Honor Roll e membro duma equipa do campeonato nacional.

Amobi Okoye, também *defensive tackle*, é considerado por alguns como um dos mais notáveis prodígios do futebol americano. Nascido em Anambra, Nigéria, mudou-se para Huntsville, Alabama, quando tinha 12 anos. Depois de passar duas semanas no ensino primário passou a caloiro do ensino secundário. Como aluno universitário do 2º ano, dedicou-se ao futebol e dominou rapidamente o desporto, tanto como defesa como atacante. Aos 16 anos ingressou na Universidade de Louisville e tornou-se o jogador mais jovem na Associação Atlética Nacional de Universidades. Como se licenciou também um semestre mais cedo, Okoye tornou-se o mais jovem jogador a ser contratado na primeira ronda da NFL, com 19 anos. Tenciona continuar a estudar na Universidade de Harvard, na qual foi aceite em 2005, depois de se retirar do futebol profissional.

VIDAS TRANSFORMADAS, CARREIRAS MOLDADAS POR DIFICULDADES

Outros jogadores africanos na NFL conseguem ultrapassar as dificuldades em campo em parte porque já venceram dificuldades inerentes a conflitos, pobreza e perdas.

Nascido em Indianapolis, Indiana, Kagimu Kiwanuka *defensive end* do New York Giants, é também um cidadão orgulhoso do Uganda. Quando estudava em Boston College, Kiwanuka tinha uma bandeira do Uganda no seu quarto como recordação do seu avô Benedicto Kiwanuka, que foi eleito primeiro primeiro-ministro do Uganda em 1961 e assassinado pelos apoiantes de Idi Amin em 1972. Pouco depois de fugirem do caos político que deixou milhares de mortos durante a ditadura de Idi Amin, os seus pais divorciaram-se. A mãe iniciou um negócio de limpeza doméstica para sustentar os três filhos.

Visanthe Shiancoe, *tight end* do Minnesota Vikings, nasceu em Birmingham, Inglaterra, pouco depois da sua mãe ter fugido da Libéria, quando rebentou a guerra civil em 1980. Receando que a sua vida e as dos seus filhos estivessem em perigo devido ao conflito que devastou o país durante quase duas décadas, ela deixou uma vida confortável e sacrificou o seu casamento por um ambiente seguro em Washington para os seus filhos. Com dois empregos e fazendo as suas próprias roupas, ela foi um modelo constante para Shiancoe e ele atribui a sua capacidade de recuperação em campo à resistência firme da sua mãe africana.

CAMPEÕES AFRICANOS E AMERICANOS, EXEMPLOS LOCAIS E MUNDIAIS

Muitos dos imigrantes africanos recentes na NFL optaram por ajudar as suas comunidades, tanto nos Estados Unidos como em África, e tornaram-se exemplos para os jovens em ambos os lados do Atlântico.

Akinola “Akin” Ayodele, um *linebacker* americano de origem nigeriana que joga no Miami Dolphins, é famoso pela sua fé forte e solidariedade. Tendo ganho já vários prémios por interceder pelos pobres e doentes, fundou recentemente Akin’s PATH, uma organização beneficente que faz parceria com Big Brothers Big Sisters of Greater

Miami para aconselhar jovens desfavorecidos. A fundação também pede a todos os adeptos do Dolphins que se ofereçam voluntariamente como conselheiros.

Chinedum Ndukwe, *safety* de Cincinnati Bengals, pertence a uma conhecida família americana de origem nigeriana. Os seus irmãos mais velhos são Ikechuku *lineman* ofensivo do Miami Dolphins e Kelechi, veterano da guerra no Iraque que actualmente é o contacto da marinha americana no Senado dos EUA. Depois de frequentar Harvard Business School durante o final de época, Chinedum iniciou um trust fund com o seu irmão Ikechuku com a intenção de lançar uma organização beneficente que lhes permitiria ajudar tanto a sua cidade natal como a sua pátria. A Fundação Ndukwe, actualmente operacional, promove o bem-estar e estilos de vida saudáveis nas comunidades locais e do outro lado do Atlântico. Além de financiar toda uma época de futebol para uma equipa jovem de futebol nos bairros mais pobres em Columbus, Ohio, Chinedum visitou a Nigéria com Ikechuku para começar a construção dum campo de futebol onde os seus pais nasceram e cresceram.

Os pais de James Ihedigbo, *safety* do New York Jets, Rose e Apollo, saíram da Nigéria nos anos 70 e estabeleceram-se em Amherst, Massachusetts, onde criaram quatro filhos e ambos se doutoraram na Universidade de Massachusetts. Depois de jogar basquetebol, *lacrosse* e pista, James continuou a estudar na Universidade de Massachusetts, especializando-se em sociologia. A sua paixão combinada por atletismo, educação e questões sociais levou-o a contactar com jovens tanto nos Estados Unidos como em África. Visita com frequência escolas discutir com os estudantes a importância do trabalho árduo e da fé. Ele também intercede por crianças e passa o tempo com crianças que sofrem de anemia de células falciformes, uma doença que afecta um em 500 afro-americanos. Acompanhando os seus pais, que regressaram à Nigéria para fundar o Nigerian Agricultural Technical Community College, James criou recentemente Hope Africa Foundation, uma organização beneficente que concede bolsas de estudo a jovens nigerianos para que concluam a sua educação.

Um dos maiores obstáculos à diversidade no mundo do futebol americano é a relativa inexistência deste desporto fora dos Estados Unidos. Embora a NFL tenha organizado vários jogos no estrangeiro, ainda nenhum se realizou em África.

Ashton Youboty, um *cornerback* americano de origem liberiana no Buffalo Bills, disse à rede de televisão desportiva por cabo ESPN em 2006 que, “os bons atletas vêm de toda a parte. Tenho a certeza de que há muitos atletas de classe mundial neste momento em África, pessoas cujas capacidades lhes permitiriam jogar na NFL se conseguissem a oportunidade certa. Eu tive sorte… Quantas outras crianças africanas julga que podiam fazer o mesmo se aprendessem o jogo? A verdade é: muitas, tenho a certeza”:

Numa época em que os telemóveis e a Internet estão a colmatar as lacunas culturais e de comunicação que outrora separavam a África do resto do mundo, as notícias sobre a ascensão de jogadores afro-americanos na NFL podem levar muitas audiências africanas a ficarem familiarizadas e fãs do futebol americano.